

ROBOPETS

Lara Ovídio¹

Resumo

Este texto é uma ficção científica protagonizada por Furby's, bichinhos de estimação robôs, que foram um sucesso de vendas no final dos anos 1990. A realidade mostrou-se, naquele momento, mais sarcástica e divertida que a ficção: esse fenômeno de mercado contradisse as previsões de que os robôs se massificariam pela via da funcionalidade, desempenhando atividades humanas mecânicas, pesadas e/ou repetitivas. O caráter absolutamente inesperado desse fenômeno, assim como seus desdobramentos, é discutido no artigo *"Robopets - Robots are not what they used to be"* da Cybernetic Cultural Research Unit (CCRU), do qual este texto parte e de cujo título se apropria. A inutilidade de distinguir a teoria acadêmica da ficção científica – base do pensamento e da escrita da CCRU – animou este ensaio-ficção-científica desenvolvido a partir da montagem de excertos apropriados. Explorando as interseções entre arte e aceleracionismo; teorias da conspiração e a obsolescência do futuro; sexualidade e revolução, este texto apresenta uma visão ambígua do futuro em que distopia e utopia se tornam inseparáveis.

Palavras-chave: Furby's. CCRU. Robopets. teoria-ficção.

¹ Professora do Instituto Federal do Rio de Janeiro, Campus Belford Roxo, e doutoranda em Artes Visuais na ECA-USP, onde desenvolve a pesquisa *Escatologia* e integra o grupo de pesquisa *Depois do Fim da Arte*, coordenado por Dora Longo Bahia. Realizou estágio doutoral na University of the Arts London, com bolsa da Capes.

Abstract

This text is a science fiction story featuring Furbys, robotic pet toys that were a sales success in the late 1990s. At that time, reality proved to be more sarcastic and amusing than fiction: this market phenomenon contradicted the predictions that robots would become widespread through functionality, performing mechanical, heavy, and/or repetitive human tasks. The absolutely unexpected nature of this phenomenon, as well as its developments, is discussed in the article “Robopets – Robots are not what they used to be” by the Cybernetic Cultural Research Unit (CCRU), from which this text originates and whose title it appropriates. The futility of distinguishing academic theory from science fiction – the foundation of CCRU’s thought and writing – inspired this science-fiction-essay developed by assembling selected excerpts. Exploring the intersections between art and accelerationism; conspiracy theories and the obsolescence of the future; sexuality and revolution, this text presents an ambiguous vision of the future in which dystopia and utopia become inseparable.

Keywords: Furbys. CCRU. Robopets. theory-fiction.

<>

Continuo pensando em como colocar em prática sua ideia de comprar uma loja Pernambucanas, fechá-la por 25 anos e reabri-la como museu.

<E-mail de Nicole Terra a Nelson Leiner>

<>

Sheila fechou o caderno e olhou a rua. Sentada na sua cadeira, por pouco não adormeceu.

Escutou um grito. Gritou também. Gritou bem agudo. Sentiu medo. Não viu nada acontecer. Sentiu o coração acelerar. Sentiu frio. Sentiu vergonha. Sentiu-se a vigilante mais covarde do mundo. Ficou quieta. Fez todo o silêncio que pode. Seu corpo não fez silêncio nenhum. Conteve a respiração. Olhou um por um dos 183 bichinhos de estimação robóticos. Nada se movia. Escutou algo mais. Não escutou nada. Escutou algo. Com certeza, escutou. Escutou alguma outra coisa. Não escutou nada.

Passava muito tempo na sala de exposições. Gostava de olhar as obras. De dormir com as obras. De estar segura que continuavam ali. De pensar em coisas estúpidas. De pensar em coisas engraçadas. De pensar que no que as outras pessoas pensariam sobre elas. De adivinhar o que ninguém pensaria sobre elas. Depois do grito, não entrou mais lá. Ficou na recepção. Na sua cadeira de sempre. Olhou ao redor. Não tinha nada para ver. Viu o teto descascando. As paredes brancas. Os sofás feios. As formigas carregando coisas invisíveis. As formigas que não carregavam nada. Tocou a

parede. Tirou um pedaço de gesso da parede. Olhou as formigas. A rua. A mancha no tapete persa falsificado. Olhou a parede branca.

Demorou. Mas amanheceu.

Caminhou 37 minutos até sua casa. Pensou em muitas coisas. No grito. No seu próprio grito. Nos malditos robôs de pelúcia. No medo. No frio. Na sua boca seca. Na sua vida de merda. No seu trabalho de merda. No grito. No seu grito gravado. No seu grito gravado viajando pelo espaço junto com as ondas de rádio que deixam o planeta a cada segundo levando fotografias de celulares. Mensagens íntimas. Mensagens oficiais. Transmissões de TV. Mensagens de texto. Memes de bichinhos de estimação. Vídeos mal feitos. Imagens capturadas pelas câmeras de vigilância. Suas imagens gravadas nas câmeras de vigilância. Dados. Dados. Mais dados distanciam-se da terra. Vagabundeiam pelo espaço. Se chocam com formas alienígenas daqui a 456 anos luz.

<>

No dia 13 de janeiro de 1999, o Pentágono adicionou à lista de artigos proibidos no Departamento de Defesa dos Estados Unidos os Furbys – robôs de 13 cm com capacidade de fala – pela suspeita de que seriam espiões. Até o dia anterior, só estavam proibidos no edifício os seguintes objetos: câmeras fotográficas, câmeras de vídeo, equipamentos de gravação de áudio, objetos cortantes, aerossóis, arpões, dardos, tacos ou bastões esportivos, navalhas, facas, tesouras, objetos com lâminas pontiagudas de mais de 6 cm, seringas, material pirotécnico, líquidos ou sólidos inflamáveis.

Treze meses depois que a BBC News noticiou a proibição dos Furbys no Pentágono, outro bichinho de estimação robô protagonizaria as notícias de um pequeno jornal local. Um tamagotchi foi destruído a marteladas no rico bairro de Areia Preta, em Natal (RN). A violência utilizada na destruição do simpático e – supostamente inofensivo – brinquedinho horrorizou os residentes da rua Col. Joaquim Manoel.

<>

A fascinação da artista Nicole Terra pelo primeiro protótipo de robô com capacidade de aprendizado produzido em massa começou junto com o rumor de que os Furbys, bonecos de pelúcia com olhos de coruja e orelhas de rato, poderiam ser espiões. A suspeita do Pentágono se difundiu rapidamente e, de repente, todo mundo tinha um irmão que encontrara microfones no rabo do seu bichinho ou um vizinho que encontrara câmeras dentro dos seus olhos.

Apesar do altíssimo custo do projeto “Robopets”, que tornava quase impossível sua realização, Nicole, no começo dos anos 2000, já havia experimentado mais de 29 possíveis arranjos formais para sua instalação formada por uma pequena multidão de centenas de Furbys. Entre os desenhos do projeto, havia uma bola com raio de 243 cm, um cubo com uma aresta de 315 cm, um tapete redondo com área de 20 m², um tapete em forma de losango com área de 36 m², cortinas retangulares de 3x7 m, cortinas com distribuições aleatórias etc.

<>



Quando a crítica de arte dá errado (Aracknokitty).

Coleção de imagens de Nicole Terra.

<>

Nem o escritor de ficção científica mais criativo poderia ter previsto que os primeiros robôs produzidos e comercializados em massa incluiriam um mexilhão falante. O mundo sempre acaba sendo surpreendentemente patético e, por isso mesmo, muito mais interessante do que a ficção.

<Notas/Nicole_Terra>

<>

Sheila voltou ao trabalho. Acendeu todas as luzes. Nenhum movimento. Nenhum ruído. Talvez algum ruído. Não, nenhum ruído. Talvez um pouco de ruído. Definitivamente nenhum movimento.

Sheila caminhou pela instalação. Pegou um Furby em forma de mexilhão. Era o mais feio de todos. Era o mais engraçado de todos. Ele abriu o olho. Disse: olá. Ela se derreteu de tanta ternura. Nenhum dos 183 bichinhos de estimação robóticos jamais havia despertado em seu turno. Ele cantou em sua própria língua. O som sintético ativado na instalação lembrava o grito que não saía de sua cabeça. Mas não era igual. O bichinho pediu comida meio em furbish meio em português. Sheila levou o bichinho ao bico do seu peito. Ele mordiscou seu mamilo por alguns segundos. A ternura deu lugar a outra coisa.

Ela soltou o boneco e se trancou no banheiro. Desabotoou o cinto. Colocou a mão por dentro a calça. Por dentro da calcinha. Abriu um pouco a perna. Tocou a própria buceta. Sentiu os dedos se molharem. Respirou fundo. Teve três espasmos. Soltou o ar pela garganta. Tirou a mão de dentro da calça. Abotoou o cinto. Lavou a mão. Voltou para a instalação.

Em menos de 10 minutos, voltou ao banheiro.

Levou 15 minutos e 57 segundos para gozar. Voltou para a instalação. Em menos de 23 minutos, voltou ao banheiro. Levou 10 minutos e 34 segundos para gozar. Voltou para a instalação. Em menos de 16 minutos, voltou ao banheiro. Levou 5 minutos e 27 segundos para gozar.

<>

Tenho pensado cada vez mais em tudo o que posso fazer com objetos descartados por terem se tornado obsoletos e, especialmente, com aqueles ditos de mau gosto, vagabundos ou baratos.

<E-mail de Nicole Terra a Nelson Leiner>

<>

Transcrições feitas por Nicole Terra

Audioguia do Museu do Vibrador.

Cinco salas

20, Maresfield Gardens St.

Londres, Reino Unido.

<Entrada do museu> Sejam muito bem-vindas ao Museu do Vibrador. Em um percurso por cinco salas, poderão conhecer os principais momentos da história e do design deste objeto que revolucionou a sexualidade feminina. Por favor, dirijam-se à porta à esquerda.

<Sala Vermelha> O vibrador foi inventado por médicos da era Vitoriana que se cansaram de tratar as pacientes histéricas usando os dedos para realizar massagens pélvicas. À esquerda estão os diários de trabalho dos médicos dessa época. Relataram que a tarefa era tediosa, prolongada e fisicamente exaustiva.

<Sala Histeria> As massagens pélvicas eram o principal tratamento para a histeria, cujo quadro clínico incluía ansiedade crônica, irritabilidade e sensação de peso abdominal. Até meados do século XIX, a histeria, que, na verdade, era insatisfação sexual, alcançou proporções epidêmicas, afetando até 75% da população feminina do Reino Unido.

<Sala Granville> À direita, é possível ver o primeiro vibrador da história. Foi patenteado no início da década de 1880 pelo médico londrino Dr. J. Mortimer Granville. Precedeu

a invenção do ferro elétrico e do aspirador em 10 anos. Isso que parece uma geladeira, ao lado do vibrador, era o gerador utilizado para colocá-lo em funcionamento. Devido ao seu tamanho, só era instalado em consultórios médicos, podendo ser operado apenas por profissionais. Sigam em frente até a sala das máquinas.

<Sala das Máquinas> Até aqui, já está claro que os médicos herdaram a tarefa de provocar orgasmos em mulheres, porque ninguém mais queria fazer isso, certo? E que o vibrador assumiu essa função quando eles também se cansaram. Então, vamos conhecer os principais modelos da "maquininha de orgasmos".

<>

Sheila chegou em casa. Sentiu um medo enorme. Suas masturbações poderiam ter se transformado em imagens. Tudo o que se precisava era uma câmera que ela ignorasse. Tudo o que se precisava era uma nano câmera colada na maçaneta da porta da cabine do banheiro. Ou no teto. Ou no vaso sanitário. Agora ela precisava dormir. Não conseguia. Só conseguia pensar nas suas imagens não autorizadas circulando em sites pornográficos. Só conseguia pensar no emprego perdido. Na dignidade perdida. Na vida perdida. Foi buscar água. Percebeu a ausência de sons sintéticos. Sentiu que seus ouvidos descansavam. Abriu a mochila. Tirou o Furby que havia pegado emprestado da instalação. Perguntou o que ele estava fazendo. O boneco fingiu não ouvi-la.

O telefone de Sheila tocou.

Pensou que tava fodida.



Máquina.

Coleção de imagens de Nicole Terra.

<>

O mar continuamente se masturba.

George Bataille

<Notas/Nicole_Terra>

<>

O Museu da Histeria virou Museu do Vibrador em meados dos anos 2000. Durante o breve período em que viveu em Londres, Nicole Terra costumava ir até lá para desenhar e redesenhar as peças, escrever breves comentários estéticos e estabelecer comparações improváveis entre os vibradores e o mobiliário de filmes de ficção científica. Via semelhanças

estéticas entre o sugador de clítoris Ivy e as cadeiras de Olivier Mourgue, projetadas para o filme 2001: Uma Odisséia no Espaço. Em suas notas destacava as coincidências nas curvas, no aspecto artificial do revestimento e nas tonalidades dos dois objetos. Em uma nota sem data menciona que o design dos vibradores modernos tinha algo de utópico, que dialogava com as formas ditas futuristas nos anos 1960. Em certa ocasião, comentou com amigos próximos que a pílula, o batom vermelho e a minissaia haviam sido supervalorizadas, ela iria contar a história do feminismo a partir da perspectiva da masturbação utópica.

<>

Sheila estava pronta para ouvir que seria demitida. Atendeu o telefone. Disseram que a vigilante do turno da tarde estava com dores no corpo. Sheila teve que voltar ao trabalho. Emendou o turno da noite com o do dia. O do dia com o da noite seguinte. E o da noite seguinte com o da tarde seguinte. E o da tarde seguinte com o da noite subsequente.

O turno do dia era infernal. Os 183 bonecos peludos de 13 cm de altura tinham vontades próprias e pediam muitas coisas. Pediam comida. Pediam abraços. Pediam para brincar. Pediam mais comida. Dançavam e cantavam quando estavam felizes. Ameaçavam se matar quando Sheila demorava demais.

À noite, ela ouvia várias vezes o barulho estranho, não era um grito. Não lhe assustava mais. Não soava como uma unha arranhando a parede. Não soava como uma voz alienígena. Não soava como um garfo marcando uma panela. Era outra coisa. Estava exausta. Estava excitada. Estava também um pouco paranóica. Masturbou-se 27 vezes em 72h. Um terço

do tempo usou os dedos. Nos outros dois terços sentiu as cócegas com pelúcia. Sentiu arrepios com o bico. Sentiu as vibrações do pé do mexilhão.

Às 72 horas passaram sem um segundo de tédio.
Também sem um segundo de paz.



Ande como uma egípcia.

Coleção de imagens de Nicole Terra.

<>

Em 1976, cientistas chineses criaram uma lista com 58 espécies úteis na previsão de terremotos. Serpentes, morcegos, cães, golfinhos e ratos estão entre os animais capazes de detectar os infrassons emitidos nos primeiros segundos do fenômeno natural.

<Notas/Nicole_Terra>

<>

Localizada na Praça Vermelha, em Natal, a galeria Serpentinhas não era notícia de jornal desde 2010. Naquele ano, a artista Pedra Costa se despiu, ficou de quatro no chão e expulsou, apenas movendo os músculos do cu, um terço inteiro que estava alojado em seus intestinos. A obra conhecida como "de_colon_ização" foi um escândalo em Natal e rendeu à galeria três vitrines apedrejadas.

Agora, a exposição "Robopets" chegava ao jornal não pela afronta da moral e dos bons costumes, mas pelas filas astronômicas. O número de pessoas esperando para ver a obra de Nicole Terra era tão imenso que atrapalhava o tráfego do centro da cidade.

<>

Sheila engoliu um Tamagotchi. Ele não morreu. Continuou apitando dentro dela.

Procurou o significado do seu sonho no Google. Não encontrou nada, apenas um artigo antigo. Um ciclista atropelado por uma francesa que alimentava seu Tamagotchi. Havia vários semelhantes àquele. Todos desinteressantes. Chegou, sem querer, a uma coleção de histórias sobre Furbys. De como eles se comunicavam entre si em Furbish. De como transmitiam comportamentos por sistema de infrassons. De como aterrorizavam crianças gritando coisas horríveis durante a noite. De como podia ser impossível desligá-los. De como continuavam gritando mesmo quando os donos removiam a bateria.

Descobriu que o Furby que tomara emprestado era do tipo Shelby. Viu vídeos de como realizar cirurgias cerebrais

nos bichinhos. Viu Furbys conectados ao Chat GPT falando em acabar com a humanidade. Viu Furbys planejando um assassinato com a Siri.

Pensou que Nicole poderia até dominar o começo do experimento, mas seu final era imprevisível.

<>

Um robô de fábrica matou um trabalhador e, aparentemente, limpou o incidente da sua própria memória.

<Notas/Nicole_Terra>



Lovatt e Peter – amor interespecies.

Coleção de imagens de Nicole Terra.

<>

Faltava pouco para a galeria fechar. A fila para o banheiro era longa. Sheila contou, em um dado momento, 71 mulheres. As idades eram variadas. Sua buceta estava prestes a explodir. A fila para o banheiro só aumentava. As mulheres tentavam manter a expressão facial de quem está com vontade de fazer xixi. Mas era possível sentir o cheiro de tesão se espalhando pelo lugar. Um odor cítrico e denso. Podia-se ouvir a respiração pesada daquelas 71 mulheres. Sheila intuiu o que estava prestes a acontecer. E não quis evitar.

A primeira mulher que não conseguiu se conter, ainda na fila, cruzou as pernas, fechou os olhos, gritou bem baixinho. A segunda apertou a buceta ali mesmo, na frente de todo mundo. Também fechou os olhos, não gritou. A terceira colocou a mão debaixo da saia e começou a fazer uma massagem pélvica. A quarta colocou a cabeça debaixo da saia da terceira. A quinta começou a se esfregar na pia, e a sexta começou a se esfregar na que se esfregava na pia. A sétima saiu da fila, agarrou um dos Furbys e colocou o bico dele em sua buceta. A oitava mulher imitou a sétima, a nona imitou a oitava e a décima esqueceu do boneco e chupou a buceta da décima primeira mulher da fila. A décima segunda chupou a décima terceira e a décima quarta formou um pequeno trio com a sétima mulher e o Furby que ela tava esfregando na buceta. Sheila parou de contar quando se tornou impossível distinguir os corpos das mulheres dos pequenos robosinhos de pelúcia.

Ela advertiu as mulheres sobre as 4 câmeras presentes na sala. Seu aviso só aumentou o caos. Sheila tentou desligar as câmeras. O programa não permitiu. Tentou enganar o computador. Mas o computador era bastante esperto. Tentou pelo menos interromper a transmissão de imagens para

a equipe de segurança e para os satélites extraplanetários. Era impossível. Pensou em destruir os 183 bichos. Mas optou por esbagaçar as quatro câmeras a marteladas. Depois se juntou à massa de mulheres.

<>

<>

<>

O diário de criação e os e-mails de Nicole Terra foram desenvolvidos com excertos apropriados e alterados de Benjamin Buchloh, CCRU, Claes Oldenburg e George Bataille. Os pensamentos de Sheila, são apropriações de Hito Steyerl, notícias de jornal e discussões de fóruns de internet. Já a coleção de imagens de Nicole Terra está formada por imagens dos Chapman Brothers, BBC/ John Lily Estate, Orgia Project e de fotografias da autora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AITKENHEAD, D. *The buzz: How the vibrator came to be?* **The Guardian**, 7 set. 2012. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2012/sep/07/how-the-vibrator-caused-buzz#:~:text=%22In%20effect%2C%22%20as%20Maines,got%20tired%20of%20it%2C%20too>>. Acesso em: 19 jul 2025.
- BBC NEWS. **Americas Furby toy or Furby spy?** BBC News, 13 jan. 1999. Disponível em: <<http://news.bbc.co.uk/1/hi/world/americas/254094.stm>>. Acesso em: 19 jul 2025.
- BENNINGFIELD, B. **Scariest Real-Life Robotic Disasters and Accidents**. Ranker, 28 jun. 2019. Disponível em: <<https://www.ranker.com/list/robot-disasters/bailey-benningfield>>. Acesso em: 19 jul 2025.
- BATAILLE, G. **Visions of Excess: Selected Writings, 1927-1939**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1985.
- BUCHLOH, B. H. D. *Annihilate/Illuminate: Claes Oldenburg's Ray Gun and Mouse Museum*. In: HOCHDÖRFER, A.; SCHRÖDER, B. (Eds.). **Claes Oldenburg: The Sixties**. Munich: Prestel Publishing, 2012.
- CARD, J. [@jesscard]. **i hooked up chatgpt to a furby and I think this may be the start of something bad for humanity**. [Tweet]. X, 3 abr. 2023. Disponível em: <https://twitter.com/jesscard/status/1642671752319758336>. Acesso em: 19 jul 2025.
- CHAPMAN, J.; CHAPMAN, D. **Jake and Dinos Chapman Website**. Disponível em: <<https://jakeanddinoschapman.com/tag/jackie-and-denise-chapwoman/when-art-critics-go-bad-arachnokitty-2/>>. Acesso em: 19 jul 2025.
- CCRU. **Robopets - Cuddling the future**. Disponível em: <<http://www.ccru.net/archive/robopets.htm>>. Acesso em: 19 jul 2025.
- JAPPE, A. **Guy Debord**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

- MANCINI, M. *Did the Pentagon Really Ban Furbys?* **Mental Floss**, 20 fev. 2014. Disponível em: <<https://www.mentalfloss.com/article/55136/did-pentagon-really-ban-furbys>>. Acesso em: 19 jul 2025.
- MOLDT, B. **Siri Vs Furby** [vídeo]. YouTube, 19 out. 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=18Umolu8III>>. Acesso em: 19 jul 2025.
- MONTEIRO, M. B. *Polêmica Salão*. **Tribuna do Norte**, 7 mar. 2010. Disponível em: <<https://tribunadonorte.com.br/viver/polemica-no-salao/>>. Acesso em: 19 jul 2025.
- MUSEO NATURAL DE HISTORIA – **orgiaprojects.org**. Disponível em: <<https://www.orgiaprojects.org/museo-natural-de-historia/>>. Acesso em: 30 jul. 2025.
- REPLIKA. **The AI companion who cares**. Disponível em: <<https://replika.com/>>. Acesso em: 19 jul 2025.
- ROSENBAUM, S. **“I had a sexual relationship with a dolphin”**. Disponível em: <<https://nypost.com/2014/06/10/the-dolphin-that-fell-in-love-with-a-human/>>. Acesso em: 21 jul. 2025.
- STEYERL, H. *Los SPAM de la Tierra: desertar de la representación*. In: **Los condenados de la pantalla**. Caja Negra: Buenos Aires, 2020.
- U.S. DEPARTMENT OF LABOR. **Accident report detail**. Disponível em: <https://www.osha.gov/ords/imis/accidentsearch.accident_detail?id=200631406>. Acesso em: 19 jul 2025.
- WHYMANT, R. From the archive, 9 December 1981: *Robot kills factory worker*. **The Guardian**, 9 dez. 2014. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/theguardian/2014/dec/09/robot-kills-factory-worker>>. Acesso em: 19 jul 2025.